

A Universidade de Brasília e a construção do “civitas” da cidade-capital (1957-1962)

La Universidad de Brasília y la construcción de la civitas de la capital (1957-1962)

Sessão Temática: História e Historiografia

MONTEIRO, Amanda; Doutora; Universidade de Brasília
arqamandacase@gmail.com

Resumo

Nesse artigo o Relatório do Plano Piloto de Brasília (1957) é revisitado e relacionado com outras fontes, para realizar outra leitura da fundação da cidade. A partir dele, a *urbs* será mencionada, mas há o estudo mais detalhado quanto ao *civitas*. Por meio dos conceitos desses termos latinos, foi possível inferir que para se criar *civitas* é fundamental o papel da educação. O Relatório também foi fonte e justificava para criação da Universidade de Brasília, responsável por promover a “especulação intelectual” e o centro cultural da cidade. Assim, o objetivo deste artigo foi apresentar como a UnB tornou-se colaboradora na construção do *civitas* da nova capital do país. Com o recorte temporal de 1957 a 1962, por meio de fontes documentais, jornais e entrevistas, foram apresentadas as relações fundadoras entre cidade e universidade e os compromissos e as práticas universitárias que contribuíram para o *civitas* de Brasília.

Palavras-chave (3 palavras): Brasília, Universidade, *civitas*.

Abstract

In this article, the Plano Piloto de Brasília Report (1957) is revisited and related to other sources, in order to carry out another reading of the foundation of the city. From there, *urbs* will be mentioned, but there is a more detailed study regarding *civitas*. Through the concepts of these Latin terms, it was possible to infer that the role of education is essential to create *civitas*. The Report was also the source and justification for the creation of the University of Brasília, responsible for promoting “intellectual speculation” and the cultural center of the city. Thus, the objective of this article was to present how UnB became a collaborator in the construction of the *civitas* of the new capital of the country. With the time frame from 1957 to 1962, through documentary sources, newspapers and interviews, the founding relations

between city and university and the university commitments and practices that contributed to the civitas of Brasília were presented.

Keywords: Brasília, university, civitas.

1. Introdução

A história da decisão de mudança da capital do Brasil para o Centro-oeste do país, seu concurso urbanístico e sua arquitetura são de domínio público e bastante estudados pela historiografia nacional e internacional. Um dos documentos mais importantes dessa narrativa foi o Relatório do Plano Piloto de Lucio Costa. Nele, o arquiteto definiu seu partido e princípios compositivos, e explicou graficamente o processo até o projeto. Apesar de já bastante estudado, esse documento, relacionado com outras fontes, pode revelar outras leituras da cidade, como seu vínculo com a educação superior.

Costa (1957 apud UnB, 1962, p.3) vai descrever que Brasília não deveria ser apenas *urbs*, mas também possuir *civitas*, “atributos inerentes a uma capital”. *Urbs* e *civitas* são termos latinos que tiveram seus conceitos construídos pelos gregos e romanos. A partir do estudo dos seus significados, foi possível compreender que um se trata da cidade como espaço construído e o outro significa a cidadania, respectivamente (AURELI, 2011). Para Costa, além da construção do seu projeto, para se constituir capital, Brasília prescindia de uma identidade cidadã. A *urb* se desenha, mas, segundo os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, para criar *civitas* era essencial o papel da educação. É nesse ponto que é introduzida a contribuição da Universidade de Brasília (UnB).

A UnB também tem sua referência fundadora no Relatório do Plano Piloto. Costa (1957 apud UnB, 1962, p.3) expôs que a capital era planejada para o trabalho e própria ao “devaneio e à especulação intelectual”, capaz de tornar-se um foco de cultura nacional. Essa expectativa do arquiteto vai ser utilizada como justificativa para pleitear a instituição de uma universidade moderna à semelhança da capital. A Universidade de Brasília, fundada em 1962, adveio como um paradigma ao modelo universitário vigente, caracterizado pela referência francesa de faculdades isoladas, dedicadas somente ao ensino e organizadas a partir da cátedra. A instituição, que em 2022 faz 60 anos, possibilitou a reforma do ensino superior brasileiro e instituiu não somente uma nova organização acadêmica, mas possibilitou a inserção da pesquisa e da extensão e de novas didáticas na educação nacional. Com sua origem fundamentada nas necessidades da cidade-capital, a Universidade vai ser construída a partir da ideia de colaboração com as funções do Estado, com o desenvolvimento nacional e principalmente, com a responsabilidade de identidade local.

Ao compreender o conceito de *civitas* e relacioná-lo com a missão da UnB para com Brasília, foi possível reconhecer a instituição como uma das agentes da formação da identidade da cidade. Assim, o objetivo deste artigo foi apresentar como a Universidade de Brasília tornou-se uma das colaboradoras na construção do *civitas* da nova capital do país. Essa análise se deteve a fundação da cidade e da universidade, com o recorte temporal de 1957 a 1962.

Como procedimentos metodológicos foram utilizados a revisão de literatura, o levantamento histórico-documental e as entrevistas.

Foram temas de estudo a filosofia e a cultura greco-romanas, assim como a história de Brasília e da sua Universidade. O levantamento documental contou com registros da fundação da UnB, disponíveis na sua Biblioteca e no acervo do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP) e em matérias do Jornal Correio Braziliense, à disposição na Hemeroteca Digital Brasileira. Além disso, foram consultados ex-alunos da instituição para formar o panorama da contribuição da universidade.

A partir deste arcabouço, o artigo foi organizado em três partes. Inicialmente, a partir do Relatório do Plano Piloto, são conceituados e contextualizados os termos *urbs* e *civitas*. Em seguida, por meio de documentos fundadores, foram apresentados a construção da identidade institucional da UnB e sua relação íntima com Brasília. Para enfim, na conclusão, caracteriza-se o aporte da UnB para a criação do *civitas* da capital. Por meio desse percurso, foi possível compreender os papéis da educação para construção da identidade da cidade e do Estado para alcançar esse objetivo.

2. *Urbs e Civitas: dos greco-romanos a Brasília.*

Entre a entrega de propostas do concurso para a construção de Brasília e a definição do projeto vencedor pela banca da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Nova Capital Federal passaram-se onze dias. Em 16 de março de 1957, a partir do Relatório e do desenho de Lucio Costa era possível planejar a cidade, mas para sua realização era necessário o convencimento de parte da sociedade e das forças políticas antagonistas a sua implantação. Para isso, foi muito útil um projeto arquitetônico e político embasado na tradição e configurado para o futuro. Pois, como apontado por Guilherme Wisnik (apud BRAGA, 2010, p.9), Brasília “selou a colaboração sinérgica entre Estado e arquitetura na construção do Brasil moderno”.

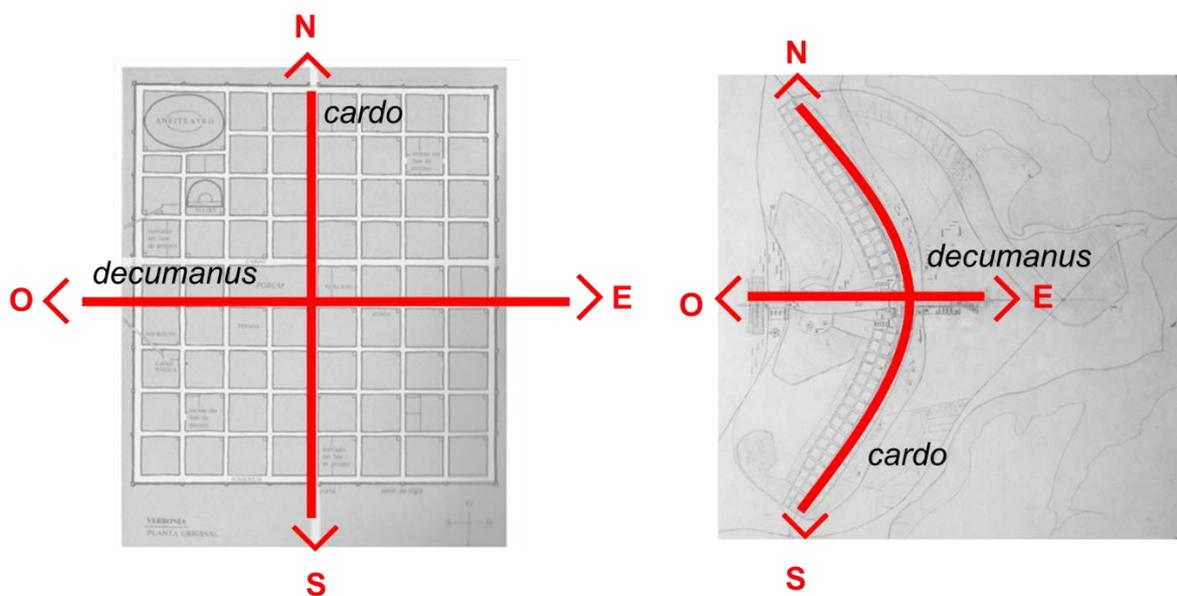
No âmbito da Arquitetura, o Relatório do Plano Piloto de Brasília é elucidativo das referências da capital. Lucio Costa (1957 apud UnB, 1962, p.3) inicia, justificando sua simplicidade de apresentação, com o argumento de que que o concurso solicitava o “que de fato importa(va)”: a fundação. Para ele, o projeto de Brasília era inicialmente um “ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador”. Eis a primeira referência da tradição no texto do arquiteto, ancorava-se no rito de fundação das cidades romanas.

De acordo com Jean-Louis Harouel (1990), para os romanos, o ato de fundar uma cidade era considerado sagrado e marcado por um ritual. O ritual constituía-se de quatro fases: agouro, *orientatio*, *limitatio* e consagração. O agouro era “destinado a se assegurar de que os deuses não se opunham à criação da cidade” (HAROUEL, 1990, p.22). Nesse momento, o projeto político vai se impor e contou com o presidente Juscelino Kubitschek para sua realização. Após 1 mês e 17 dias da divulgação do resultado do concurso, era realizada a primeira missa

oficial de Brasília, organizada pelo presidente. Dessa forma, o “agouro” se realizava com o batismo da locação da cidade, como “o próprio sinal da cruz” que deu início ao desenho de Brasília pelas mãos de Costa (1957 apud UnB, 1962, p.3).

Após o agouro, seguia-se o “*orientatio*”, a implantação da cidade no terreno. O *orientatio* era a demarcação dos dois grandes eixos da cidade perpendicular um a outro, sendo o *decumanus* orientado de leste a oeste e o *cardo* de norte a sul (ver figura 1, HAROUEL, 1990). Correlacionando com a capital, Brasília também “nascia” de dois eixos cruzando-se em ângulo reto, sendo o *decumanus* definido pelo eixo cívico e administrativo e o *cardo* pelo rodoviário-residencial (figura 1, BARKI, 2005). Como fundação esse traçado era simbólico, mas como apontado por Leitão e Ficher (2010), desde o resultado do concurso já estavam em andamento obras de infraestrutura, como a via de conexão entre o aeroporto e o Palácio da Alvorada. As terceira e quarta fases do ritual de fundação romano não tiveram correspondência em Brasília¹.

Figura 1: *Decumanus* e *cardo* na cidade romana e em Brasília



Fonte: Verbonia (Planta de Cidade Fictica Romana por Macaulay, 1989, p.12) e Brasília (Planta do Arquivo Nacional)

Além do rito fundador, a análise do Relatório expôs mais uma referência romana no projeto da cidade. Lucio Costa (1957 apud UnB, 1962, p.3) vai descrever que a capital foi concebida “não apenas como URBS, mas como CIVITAS, possuidora dos atributos inerentes a uma capital”. Tanto a palavra *urbs* como *civitas*, advindas do Latim, faziam parte do vocabulário urbano da Roma imperial. Roma era denominada de *urbs*, sinônimo de cidade, no sentido material, caracterizava a sede do Império e o lócus das grandes instituições políticas

¹ De acordo com Jean-Louis Harouel (1990), a terceira etapa era o *limitatio*, era a marcação das portas da cidade-muralha e a última fase era a consagração a proteção dos deuses.

(CACCIARI, 2010). A partir desse conceito percebe-se a coerência de Costa em usar o termo para definir Brasília. Contudo, é interessante pontuar que outra analogia é possível, apesar de provavelmente não ter sido pensada.

A cidade de Roma surgiu da convergência de pessoas diferentes que concordaram em viver juntas no seu espaço, sob a mesma lei. Isso era tão forte culturalmente que o primeiro templo construído em Roma foi para o deus *Asylum*, dada a maioria dos habitantes serem exilados, errantes e/ou refugiados (CACCIARI, 2010). Da mesma forma, Brasília se constituiu por pessoas das várias regiões do país que buscaram nela novas oportunidades. Contudo, destaca-se que essa convivência de povos diferentes, só é possível por meio de um ideal comum.

Em Roma, o objetivo público (a força ou não) era a constituição de um Império onde a *urbs* determinasse, por meio da lei, a concórdia a todo território romano. Para que isso fosse possível foi fundamental a construção do *civitas*. A palavra *civitas* advém do coletivo *cives*, habitantes que ao decidirem conviver sob a mesma lei, ganharam status político e tornaram-se cidadãos (CACCIARI, 2010). Uma característica importante do *civitas* romano era o entendimento de que cada romano era a cidade, que não havia diferença entre cidade e cidadão (DIREITO, 2014). Esse fundamento advém dos gregos, explicitado pelo historiador Tucídides (2001, p.111) em duas sentenças “os homens é que são a cidade” e “nossa cidade é a escola de toda Hélade”. Isso porque a pólis, a cidade, representava uma configuração urbana conveniente com um novo modelo político, a democracia. A partir dela, a soberania foi concedida às instituições apoiadas pelo povo “submissos às autoridades e às leis” (TUCÍDIDES, 2001, p.109). Por isso, para garantir o futuro da pólis era necessário cidadãos para compor o Estado. Contudo, constituir-se cidadão não é inato, é preciso uma educação (WEISS, 2004).

Para os gregos era precisa educar o *homo politicus*, criar o homem para estar apto a saber e resolver as questões da cidade, por meio da Política. O ser a cidade era compreendido “como um *ethos*, um caráter e um conjunto de práticas nascidas da experiência dos homens entre si” (PAGOTTO-EUZEBIO, 2010, p.201). Ou seja, era por meio da cidade que se ensinava a ser cidadão. Dessa forma, a cidadania constituía-se para os povos greco-romanos de um projeto educativo que edificava e reforçava os costumes e atitudes, conforme a *civitas*. Ao cotejar esses termos com Brasília, é possível encontrar o propósito comum que unia a cidade e o mesmo desejo de constituir seu *ethos*, como os romanos.

O objetivo comum que possibilitou a nova capital foi a tomada “de posse do seu imenso território”, e para atingi-lo foi preciso, segundo JK (2000, p.12), uma “Revolução”. A Revolução pretendida era “de métodos administrativos” (KUBISTCHEK, 2000, p.12). A partir do Plano de Metas, o ex-presidente (2000, p.32) acreditava que possibilitaria um país mais rico, menos desigual e “dono do seu próprio destino”. Como método, utilizou-se da Meta Síntese para motivar seu programa nacionalista desenvolvimentista e ganhar apoio da população. Dessa forma, envolveu a capital em um “casulo mitológico” tornando-a “o ponto de convergência de

todas as esperanças brasileiras e de todas as aspirações nacionais” (VIDAL, 2009, p.243). A partir dessa estratégia, a publicidade desenvolvida pelo presidente foi a primeira iniciativa para constituir o *civitas* brasiliense.

Mas para desenvolvê-lo, Brasília precisava ter uma vida pública, na qual seus moradores atuassem como cidadãos. O germinar do *civitas* na terra vermelha do cerrado vai demorar, mas vai contar com a ajuda fundamental da Universidade de Brasília para seu desenvolvimento. Inclusive é relevante pontuar que o arcabouço da Universidade na capital é igualmente encontrado no Relatório do Plano Piloto. Quando Costa (1957 apud UnB, 1962, p.3) descreveu que a cidade também fora planejada “ao devaneio e à especulação intelectual”, a fim de torná-la um foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país”, forneceu uma das justificativas utilizadas pelos intelectuais para a implantação da universidade moderna em Brasília. A fundação da UnB, seus objetivos e compromissos com a cidade são explicitados a seguir, para que se evidencie que havia um projeto educativo para Brasília.

3. A Universidade de Brasília e seu projeto educativo

A partir da aprovação da lei n.2.874/1956, que determinou a mudança da capital e a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), a *urb* começou a ser modelada, mas não só ela. Além dos departamentos dedicados à construção da cidade, foi criado na NOVACAP, no final de 1956, o de Educação e Saúde. O objetivo desse órgão era proporcionar atividades educacionais emergenciais até o desenvolvimento do sistema educacional do Distrito Federal. A criação desse sistema só começou três anos depois. A partir do trabalho da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB) e, especificamente, da atuação de Anísio Teixeira no “Plano de Construções Escolares de Brasília” (PEREIRA; ROCHA, 2005).

Naquele momento, tanto Teixeira como Darcy Ribeiro atuavam no INEP. Com o desenvolvimento do projeto educativo da capital, Ribeiro começou a questionar sobre a inserção do ensino superior no sistema em discussão (RIBEIRO, 1960). Sem tempo e entusiasmo com a ideia, Anísio Teixeira deixou ao encargo do antropólogo esse tema que, a partir de consultas a professores e cientistas de todo país, desenvolveu o primeiro projeto da Universidade de Brasília. Esse projeto foi encaminhado ao presidente JK, que na época, considerou-a uma iniciativa prematura e descartou-a temporariamente (SALMERON, 2012).

Esse projeto foi retomado próximo a inauguração da cidade e sofreu revisões pela Comissão de Redação do Projeto de Lei da UnB, a qual criou um anteprojeto de lei para criação da Universidade com sua justificativa (RIBEIRO, 1960 apud RIBEIRO, 1991). A justificativa é um documento intitulado “Fundação Universidade de Brasília” de 6 páginas (CALMON et al, s/d). O texto introduz a ideia de que o Estado precisa de assessoramento técnico-científico altamente qualificado, visto que especialistas são convidados a opinar em toda formulação de soluções auxiliando os três poderes. Então, para não correr o risco de os poderes públicos ficarem na nova cidade sem esse apoio intelectual, era imprescindível uma universidade.

Dessa forma estava feita a conexão entre o estado, o cidadão e a educação em Brasília. Mas esse era só o argumento introdutório.

No fragmento “Brasília como Centro Cultural”, percebe-se a referência ao Relatório do Plano Piloto. Costa (1957 apud UnB, 1962, p.3) apresentava a expectativa de Brasília tornar-se um “foco de cultura”, já o documento, a partir dessa fonte, alegava que a UnB vai ser o epicentro cultural da cidade. Esse pressuposto trazia o papel do Estado educador, aquele que compreende a própria educação como fundamental na sua constituição (WEISS, 2004). Por isso, “o governo que edifica(va) Brasília, planejada em todos os seus detalhes para o exercício das funções de direção político-administrativa do Estado brasileiro” (CALMON et al, s/d, p.2), não poderia esperar que espontaneamente surgisse seu centro cultural, deveria, portanto, compô-lo com a Universidade.

Em seguida, os autores vão construir o relacionamento entre a cidade e a universidade. Como Brasília era inovadora, modelo, moderna e integradora do país, sua universidade deveria ser sua imagem e semelhança, possuindo os mesmos adjetivos. A partir dessa retórica, o documento vai ser provocador ao convidar o Governo, que pôs em marcha o Plano de Metas, a arrematá-lo com a criação da Universidade, associando-a a sua política (CALMON et al, s/d). Essa nova universidade foi apresentada como parte da solução dos problemas brasileiros, especificamente, quanto a oferta de vagas para o ensino superior e de especialistas para o país.

As demais partes do documento detalham a estrutura e organização da UnB. O texto é concluído com a afirmação de que o projeto da UnB era ambicioso e arrojado, contudo, não era mais do que o de Brasília (CALMON et al, s/d). Esse documento serviu de base para o projeto de lei enviado, no dia da inauguração de Brasília, por JK ao Legislativo. Na “Mensagem Presidencial n. 128”, o Poder Executivo autorizava a criação da Fundação Universidade de Brasília (FUB) e a concessão de seu patrimônio.

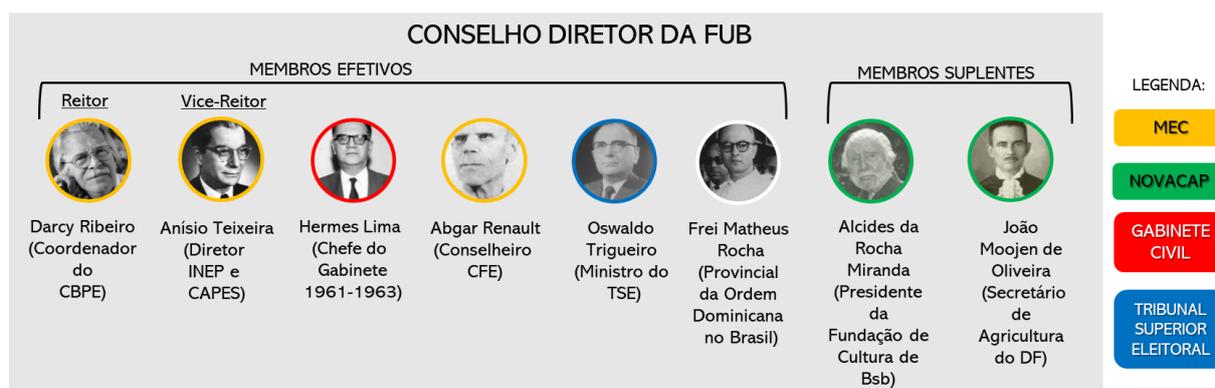
Enquanto o projeto de lei da FUB tramitava no Congresso Nacional, era publicado em 1961, o “Plano de Construções Escolares de Brasília”. Apesar de ser um plano de construções, Anísio Teixeira evidenciou os objetivos educacionais pretendidos. Segundo o autor, o Plano “obedecia” como propósito a oportunidade de Brasília apresentar à nação um exemplo prático de um sistema educacional para seguir. Com isso, o Plano tinha como missão oferecer a demonstração de modelos para que, posteriormente, fossem implantados na escala nacional. Ribeiro (1961) descreveu que todo o programa implantava a educação comum e obrigatória a todos. Essa unidade foi evidenciada com a apresentação da UnB como parte do sistema educativo, apresentando a instituição como o modelo de ensino superior de Brasília, vinculado aos princípios político-educacionais das demais escolas da capital.

Essa Universidade modelo foi legitimada pela aprovação da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que criou a Fundação da Universidade de Brasília (FUB). A aprovação da lei foi uma

vitória, mas havia o receio por parte do grupo articulador que o clima político instável² pudesse impedir a consolidação da Universidade. Por isso, os conselheiros da FUB intensificaram os trabalhos para a realização da instituição (SALMERON, 2012). Para isso, além das tarefas administrativas e pedagógicas, houve uma busca por enraizar a instituição na cidade e nos seus moradores. Como exemplo, tem-se uma entrevista do reitor Darcy Ribeiro na TV, em que ele convida o “povo brasileiro a chamar a UnB de “nossa universidade”. Segundo o entusiasta, dessa forma, se criaria o carinho de cooperação e a amizade entre universidade e cidade (JEAN, 1962, p.1). Essa cooperação corrobora a busca do *civitas*, por meio da criação da identidade entre população, cidade e universidade.

Após a posse do primeiro Conselho Diretor da FUB, em 5 de janeiro de 1962, seus membros levaram onze dias para a divulgação do primeiro vestibular à imprensa (UNIVERSIDADE, 1962). O conselho era formado por seis membros efetivos e dois suplentes, todos envolvidos em órgãos estatais, conforme ilustrado na figura 2 abaixo. Constituíam-se, portanto, de cidadãos que atuavam nos campos político e, concomitantemente, no pedagógico. Dessa forma, atendiam ao pensamento aristotélico de que “o educador é [...] antes de tudo, um homem de Estado, e o homem de Estado deve ser um educador” (ARISTÓTELES, 1990, p.1010 apud WEISS, 2004, p.172).

Figura 2: Primeiro Conselho Diretor da FUB e sua atuação em órgãos públicos



Fonte: MONTEIRO, Amanda, 2021, p.68.

Como estratégia política, apesar do campus só estar completamente apto ao ensino em 1964, esse grupo decidiu iniciar as atividades com cursos transitórios. O objetivo era evitar “os inconvenientes de se atrasar, ainda mais, a inauguração de cursos de nível superior na Capital Federal” (UnB, 1962a, p.1). Além disso, os cursos tinham como outros objetivos o de assessorar os poderes públicos e o de criar, de imediato, um núcleo de atividades culturais e artísticas para a população local. Ou seja, auxiliar o estado a se constituir e o povo a se unir.

Como tática pedagógica, foram escolhidos três cursos para darem início a Universidade, foram eles o de 1) Direito, Administração e Economia; 2) Arquitetura e Urbanismo; 3) Letras

² O clima instável devia-se a imprevista saída de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, e a disputa de poder que se seguiu.

Brasileiras. A escolha dos campos, segundo os documentos institucionais (UnB, 1962a e 1962 b), adveio da facilidade de compor o corpo docente e das exigências de ensino para cada tipo de formação. Contudo, ao analisar os cursos é possível inferir que a seleção também contou com a valoração daquelas áreas que mais contribuiriam com o Estado e a cidade.

Esses cursos tiveram início em 9 de abril, nos prédios dos Ministérios no Eixo Monumental. Apesar do começo das atividades, a inauguração da instituição só ocorreu no dia 21 de abril de 1962 com a conclusão dos primeiros prédios do campus. A data de inauguração era simbólica, como também foi a da cidade³. A UnB, ao ser inaugurada no segundo aniversário da capital, tornou-se um marco do fim do estágio pioneiro de construção da urbe. Embora estivesse longe de estar completa, Brasília havia passado no teste da função capital e com a Universidade poderia alçar o seu *civitas*. Cidade e Universidade, além da mesma data de aniversário, também vão corroborar sua filiação pela obra urbanística de Lucio Costa, o vínculo com a arquitetura moderna e a exposição da mesma capacidade técnica construtiva. A Universidade posta em ação corroborava os compromissos da própria cidade com o país, os quais foram explicitados na primeira publicação da editora universitária, em maio de 1962.

O Plano Orientador da UnB (UnB, 1962b) apresenta a instituição desde sua ideia de fundação, até o projeto e inauguração. Em suas 46 páginas evidencia as fontes que guiavam a construção da Universidade, com a presença de textos de JK e Darcy Ribeiro, do relatório de Lucio Costa para o Plano Piloto e dos croquis de Oscar Niemeyer. Na primeira página do Plano de 1962 tem o texto “A missão da Universidade de Brasília” fruto de um discurso do ex-presidente Kubitschek. Nele, o mineiro afirmava que a criação da instituição era um ato “indispensável para dar sentido espiritual e assegurar autonomia cultural ao conjunto de instituições que compõem a cidade-capital” (UnB, 1962b, p.1). Entre suas várias expectativas para com a Universidade, destacavam-se: as missões de preparar cientistas e técnicos, “capazes de empreenderem a exploração racional do imenso patrimônio de recursos de que somos herdeiros para colocá-lo ao serviço do desenvolvimento nacional” e a de constituir-se “o centro cultural de Brasília, dotado da necessária criatividade para que esta cidade seja capaz de imprimir aos empreendimentos nacionais que aqui se conceberão o mesmo espírito inovador” (UnB, 1962b, p.1) da capital.

Com seus cinco parágrafos, o texto evoca a Universidade como o “espírito” e centro cultural da cidade, dedicada à formação profissional para o desenvolvimento do país, ao assessoramento do poder público e a garantia de que a inovação e excelência da capital fosse reproduzida e salvaguardada. Mas além disso, a instituição deveria, segundo Ribeiro, em outro texto do Plano, “formar cidadãos responsáveis, empenhados na procura de soluções democráticas para os problemas com que se defronta(va) o povo brasileiro” (UnB, 1962, p.17) e ainda “dar a população de Brasília uma perspectiva cultural que a liberte do grave risco de

³ Dois anos antes, nessa mesma data, Brasília era inaugurada e rememorava, segundo Vidal (2012), três importantes fatos: a morte de Tiradentes, a data de vislumbre do Brasil pelas naus de Pedro Álvares Cabral e, ainda, o dia de fundação de Roma. Com isso, a nova capital foi associada a valores como a independência do país, o nascimento da nação e da civilização latina, respectivamente.

fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo” (UnB, 1962, p.20).

Com esses dois textos, de JK e Ribeiro, se fundamenta, em teoria, a UnB como uma importante promotora do *civitas* da capital. Por meio desses compromissos, a urbe contaria com uma instituição que auxiliaria na formação cidadã dedicada a política, a solução de problemas nacionais e a promoção de uma cultura coerente com a cidade mais moderna do mundo. Na prática, ainda em 1962, nos seus primeiros semestres, a Universidade de Brasília já comprovava sua vocação cultural.

No primeiro semestre, foram oferecidos os cursos transitórios e a pós-graduação. A partir da graduação, a Universidade, por meio de suas unidades, inaugurou a pesquisa sobre a didática educativa. Nesse período, houve a experimentação de técnicas e métodos de ensino e propostas pedagógicas inovadoras em sala de aula. Segundo o ex-aluno e arquiteto Amílcar Chaves (2019), nesse momento inicial, todos os cursos eram diretrizes, não partiam de um currículo rígido, a Universidade de Brasília caracterizava-se como “um grande centro de pesquisa”. A Pós-Graduação, de acordo com o Plano Orientador (UnB, 1962, p.41), tinha por objetivo o “aperfeiçoamento e a atualização cultural, científica e técnico-profissional ou à especialização sistemática em determinado saber”. Para essa formação continuada, a Universidade ofertou 20 vagas na área de Arquitetura e Engenharia e para os cursos de Direito, Administração, Economia, Ciências Sociais e Letras foram disponibilizadas cinco vagas para cada.

A partir do segundo semestre de 1962, a UnB conseguiu ofertar a tríade acadêmica, o tripé da universidade moderna que pretendia ser modelo no país. Após as atividades de ensino e pesquisa, a instituição começou a oferecer os cursos de extensão. A extensão era adjetivada como cultural e pretendia beneficiar a população de Brasília com “alargamento dos horizontes culturais ou de aperfeiçoamento de atualização científica e técnica” (UnB, 1962, p.41). Na sua primeira oferta, em setembro de 1962, foram disponibilizadas 27 opções de formação. Com isso, a instituição já possibilitava o início de uma formação educativa e cultural que, apesar de embrionária, ofertava a oportunidade de convivência entre os moradores para uma futura organização cidadã. A partir dessa análise, foi possível apresentar as ideias fundadoras da UnB e seu compromisso com a cidade, o tópico a seguir define e conclui o artigo com suas contribuições ao *civitas* da capital.

CONCLUSÃO: A UnB E SUA MISSÃO CIVITAS

A partir desse estudo, foi possível aprofundar sobre algumas referências pensadas por Lucio Costa para projetar Brasília que estavam apresentadas no Relatório do Plano Piloto. A formação *beaux-arts* do arquiteto pode justificar as contribuições da tradição clássica no desenho da cidade, mas para sua realização foi essencial o terreno fértil da política empreendida no governo JK. A cidade, que passou pelo ritual de fundação, vai constituir-se

urbs por fontes romanas e cristãs. Mas como Costa desejava que Brasília também tivesse *civitas*, era preciso mais do que um desenho e uma lei.

A criação do *civitas* advinha dos *cives* que, em Brasília, vinham majoritariamente do Nordeste e do Sudeste, e precisavam encontrar um objetivo em comum. Havia o objetivo político, mas para o morador tornar-se a cidade, a cidade tinha que fazer-se escola. Mas, para isso, precisava-se de professores, que leriam a capital e promoveriam o diálogo entre o morador e a urbe. Por isso, a Universidade de Brasília foi importante nessa promoção do *civitas*. No seu primeiro ano, a instituição promoveu um ensino para formação cidadã, com seus cursos transitórios, e por meio da extensão cultural proporcionou o surgimento do “espírito” da cidade, conforme desejado pelo presidente JK.

Quanto à graduação, foi interessante perceber que a UnB ofereceu uma educação que, assim como a cultura greco-romana, atendia as dimensões política, poética e urbana (SANTANA, 2011). Segundo esses ideais clássicos, a dimensão política era a base do treinamento na cidade. Por meio dela, se aprendia as regras para viver em sociedade, protegendo seus direitos e cumprindo seus deveres (SANTANA, 2011). Sendo esse um conhecimento fundamental para se ofertar na capital nascente de um país. Era tão importante sua contribuição que o projeto pedagógico do curso-transitório de Direito, Administração e Economia planejava que seus egressos atuariam no próprio Direito, na Administração pública e/ou privada, no Planejamento econômico estatal e/ou empresarial e nas Finanças públicas e/ou corporativa.

Já a dimensão poética, era descrita pelos filósofos Platão e Aristóteles como a busca do conhecimento criativo-produtivo, visando o cidadão virtuoso (SANTANA, 2011). Para os gregos, o poeta era o educador do povo, o modelador dos homens (JAERGER, 1994). Na UnB, esse domínio era oferecido, concomitantemente, pelas disciplinas dos cursos de Letras Brasileiras e o de Arquitetura. Destaca-se a semelhança de um dos objetivos dos dois cursos. Enquanto a formação em Letras habilitaria o estudante a tornar-se um “**herdeiro** ativo do nosso patrimônio literário e conhecedor dos esforços nacionais de auto-expressão e de auto-conhecimento” (UnB, 1962a, p.5), o de Arquitetura buscava “despertar vocações e incentivar a criatividade e, sobretudo, formar platéias esclarecidas, que se façam efetivamente **herdeiras** do patrimônio artístico da humanidade” (UnB, 1962b, p.27).

Ser herdeiro, além do significado de receber herança, também é aprender “uma tradição, arte ou ciência com outro, dando continuidade ao que aprendeu para as gerações que se seguem” (HERDEIRO..., 2022). Em outras palavras, é desenvolver a identidade local filiada à tradição nacional. Mas toda essa formação para chegar à dimensão cidadã era preciso a atuação na cidade. Nessa dimensão urbana, a cidade é compreendida como a escola prática da cidadania, onde ela torna-se realidade pelas práticas políticas e pela vivência nos espaços da *urbs* (SANTANA, 2011). E mais uma vez, a instituição contou com o curso de Arquitetura e Urbanismo para ofertar esse conhecimento. Visto que a formação tinha “como objeto de estudos a cidade de Brasília, do ponto de vista urbanístico e arquitetônico, e como campo de

treinamento, o próprio projeto da Universidade de Brasília” (UnB, 1962b, p.41). Com isso, o ensino superior ofertou, por meio dessas três dimensões, o conhecimento necessário para o desenvolvimento do *civitas* em Brasília.

Contudo, também contou com a oferta dos cursos de extensão cultural para isso. Dos 27 cursos disponibilizados à comunidade da capital (ver quadro 1 abaixo), percebe-se que a maioria das formações buscavam educar o cidadão virtuoso, a partir da dimensão poética grega. Eram disciplinas dedicadas a proporcionar educação da alma (JAEGER, 1994), como as de conhecimento básico, com o estudo da Matemática, Física e História, mas também a exploração da beleza, com a Arte e a Música. Em seguida, a dimensão política vai capacitar os cidadãos a atuar na esfera pública com conhecimentos da Administração, Economia e Teoria Política. Por fim, a atuação urbana convida a conhecer o construído em teoria e prática nas diversas escalas (urbana, arquitetônica e da maquete).

Quadro 1: Cursos de Extensão oferecidos pela UnB em 1962

Dimensões	Formação Oferecida	Professor Responsável
POÉTICA	Cálculo e Geometria	Sergio Falcão
	Evolução da Física	Ramiro de P.A. Muniz
	História da Nação Portuguesa	George Agostinho da Silva
	Língua Portuguesa para estrangeiros	Nelson Rossi
	Técnicas Atuais de Redação jornalística	Pompeu de Souza
	Teoria Geral da Música	Claudio Santoro
	Prática de Xilogravura	Glênio Bianchetti
	Espírito das épocas através da arte	Alcides da Rocha Miranda
	Problemas da expressão	Cyro dos Anjos
	Teoria e prática da fotografia	Henrique Faesthmann
	Composição Musical	Claudio Santoro
	A obra literária e sua crítica	Heron de Atencar e Helcio Martins
	A poesia contemporânea no Brasil	José Santiago Naud, Hércio
	A matemática na cultura humana	Djairo Guedes de Figueirêdo
	Divulgação e a apreciação musical	Claudio Santoro
	Técnica de Maquete	José Zanine Caldas
Cinema, arte e indústria	F. Teixeira de Salles	
POLÍTICA	Evolução Socioeconômica do Brasil	Francisco Iglesias e F. Teixeira de Salles
	Administração internacional	Georges Landau
	Características da Economia Brasileira	Alvaro Santiago e Jairo Simões
	Os grandes pensadores políticos	Victor Nunes Leal
	Teoria da Ciência Jurídica	A. L. Machado Netto
	Administração do Pessoal	Hélio Pontes
	Teorias, problemas e política do desenvolvimento	CEPAL
URBANA	O processo da Composição Arquitetônica	Edgar Graeff
	Aperfeiçoamento de Fiscais de obra	Heitor D. Vignole
	Conforto Térmico dos Edifícios	Eustáquio Toledo

Fonte: JEAN, Yvonne. Cursos na Universidade serão iniciados 2º feira. Correio Braziliense, Brasília, ed. 718 (2), 12 set. 1962c, 2º caderno, p. 1. O ensino dia a dia., editado pela autora.

Além da extensão, os cursos de Música e de Cinema ofereceram uma intensa agenda cultural para a cidade. A partir da atuação do coordenador, o maestro Claudio Santoro, a programação musical contava com eventos nas terças (Hora Musical Clássica), nas quintas (Hora Musical Brasileira), nas sextas (O Espírito das Épocas através da Música) e o famoso Concerto semanal aos sábados (JEAN, 1962b). Já o curso de Cinema promovia exibição de filmes “científicos” às quintas-feiras e aos domingos apresentavam os filmes “retrospectivos” (JEAN, 1962b). De acordo com o ex-aluno e arquiteto Moraes de Castro (2019), após a exibição dos filmes, discutia-se a direção, o roteiro, a fotografia e outros detalhes da obra, ou seja, os espectadores tinham uma aula sobre a sétima arte. A partir disso, evidenciou-se que por meio das extensões e dos eventos, a universidade ofereceu à jovem Brasília uma agenda cultural pulsante.

A partir do explicitado, foi possível apresentar a Universidade de Brasília como promotora de formação cidadã para a capital por meio do ensino e extensão. A partir da oferta de educação superior, a UnB subsidiou recursos humanos para o conjunto de instituições a serviço do Estado. E, por meio dos cursos de extensão e atividades culturais, a Universidade promoveu a formação do espírito da cidade e o encontro dos moradores, gerando uma convivência motivadora da cidadania.

Referências:

- AURELI, Pier Vittorio. **The Possibility of an Absolute Architecture**. Cambridge: MIT Press, 2011.
- BARKI, José. A invenção de Brasília: o “risco” de Lúcio Costa. **Risco**, São Paulo, n. 2, 2005, p.4-23.
- BORTOLINI, Rosane; NUNES, César. A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego.
- BRAGA, Milton. **O concurso de Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BRASIL. Lei nº 2.874 de 19 de setembro de 1956. Dispõe sobre a mudança da Capital Federal e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 20 set. 1956.
- BRASIL. Lei nº 3.998 de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 1961
- CACCIARI, Massimo. **A cidade**. São Paulo: Gustavo Gili, 2010.
- CALMON, Pedro et al. **Fundação Universidade de Brasília**. Brasília: INEP, s/d, série CODI-UNIPERm0462p01, p.98-103.
- CHAVES, Amílcar. **Entrevista sobre a experiência no ICA-FAU**. Entrevistado por Amanda Casé, Brasília, 10 set. 2019
- COSTA, Lucio. Relatório do Plano Piloto (1957). In: UNB. **Plano Orientador da UnB**. Brasília: Editora Universitária, 1962.p.3-8.

DIREITO, Carlos Gustavo Vianna. Roma e o *Imperium*. **Revista SJRJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 40, ago. 2014. p. 183-192.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Campinas: Papirus, 1990.

HERDEIRO In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/herdeiro/>. Acesso em: 02 ago. 2022.

JAERGER, Werner. **PAIDEIA: A formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JEAN, Yvonne. Nossa Universidade. **Correio Braziliense**, Brasília, ano 1962a, ed.561, 28 fev. 1962. Caderno 2, p.1.

JEAN, Yvonne. Universidade levará cultura à população de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, 1962b, ed.717, 11 set. 1962. 1º caderno, O ensino dia a dia, p.11.

KUBISCHEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000.

LEITÃO, Francisco; FICHER, Sylvia. A infância do Plano Piloto: Brasília, 1957-1964. In: PAVIANI, Aldo et al. **Brasília 50 anos: da capital a metrópole**. Brasília: Editora UnB, 2010. p.97-135.

LIMA, Marinalva; CORDÃO, Michelly. História e Civismo na Roma Liviana. **História**, São Paulo, v. 28, n. 2, 2009. p.605-620.

MONTEIRO, Amanda. **Os projetos e as experiências educacionais da FAU e da UnB (1957-1972)**. 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MORAES DE CASTRO, Antonio et al. **Depoimento sobre a formação na UnB**. Entrevistado por Amanda Casé. Brasília, 16 ago. 2019

PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei. A Filosofia, a Cidade, a Paideia: os antigos contemporâneos. **Revista Páginas de Filosofia**, São Paulo, v. 2, n.1, jan/jun 2010. p.195-241.

PEREIRA, Eva; ROCHA, Lúcia. Anísio Teixeira e o Plano de Educação de Brasília. In: 28º Reunião Anual da Anped, n. 28, 2005, Caxambu-MG. **Anais...Caxambu: ANPED**, 2005.

RIBEIRO, Darcy. Carta aos Professores, 1960. In: RIBEIRO, Darcy. **Carta: falas, reflexões, memórias**. Brasília: Gabinete do senador Darcy Ribeiro, 1991, p.251-254.

SALMERON, Roberto. **A universidade interrompida: Brasília 1964-1965**. Brasília: Editora UnB, 2012.

SANTANA, Juliana. A educação nos moldes aristotélicos. **Parlatorium**, Minas Gerais, n. 6, 2011, s/p.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199. Disponível em: <http://www.bvanisoteixeira.ufba.br/artigos/plano3.html>. Acesso em 01 ago. 2022.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília: Editora UnB, 2001.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy, TEIXEIRA, Anísio. **Plano orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962.

Universidade do DF: Exames Vestibulares. **Correio Braziliense**, Brasília, ano 1962, ed. 524, 16 jan. 1962. 1º Caderno, p.8.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano de cursos para 1962**. Brasília: INEP, s/d, série CODI-UNIPER_m0446p02_OfertaDisciplinasCursosUnB_1962, 7p.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)**. Brasília: Editora UnB, 2009.

WEISS, Jussemar. (2004) Paideia e Politéia em Aristóteles. **BIBLOS**, Rio Grande do Sul, n. 16, 2004. P. 167-175.